

## MEMÓRIAS SUBTERRÂNEAS EM CRÔNICAS DE ENEIDA

### UNDERGROUND MEMORIES IN ENEIDA'S CHRONICLES

Evelim Mendes dos Santos<sup>1</sup>  
Josebel Akel Fares<sup>2</sup>

#### Resumo

Este artigo é parte de um programa de pesquisa que estuda e desenha Cartografias Poéticas da Amazônia, desenvolvido no Núcleo de Pesquisa Culturas e Memórias Amazônicas. A composição deste traço do mapa compreende o estudo das memórias subterrâneas presente em crônicas da escritora paraense Eneida de Moraes. De cunho bibliográfico e qualitativo, a pesquisa discorre acerca das principais concepções de memória, dentre elas a memória subterrânea, referente aos excluídos e marginalizados socialmente. As memórias trazidas nas crônicas denunciam os abusos da política brasileira dos anos 30 do século XX, as injustiças sociais ocorridas no período da ditadura militar e as prisões vividas pela escritora e seus companheiros. Desta forma, o estudo das poéticas nos permite compreender a memória coletiva da sociedade no período do Estado Novo, ter consciência dos acontecimentos que norteiam o tempo presente, e, assim, projetar perspectivas para o futuro. Compreende-se, então, o papel social da literatura, o que passou despercebido pela memória oficial, vem à tona no texto memorialístico, que fala de assuntos relacionados aos traumas, torturas e prisões enfrentados pelos opositores ao governo de Getúlio Vargas. O presente texto recorta do trabalho maior a apresentação de crônicas dos livros *Aruanda* e *Banho de Cheiro* e divide-se em duas partes: a primeira apresenta traços biográficos da vida da escritora, essenciais para a compreensão da obra, e a segunda conta sobre as memórias referidas em crônicas da escritora.

**Palavras-chave:** Eneida. Memória Subterrânea. Resistência Política.

#### Abstract

This article is part of a research program that studies and draws up Poetic Cartographies of the Amazon, developed in the Amazonian Cultures and Memories Research Center. The composition of this trace of the map comprises the study of the underground memories present in chronicles of the Paraense writer Eneida de Moraes. From a bibliographical and qualitative perspective, the research deals with the main conceptions of memory, among them the underground memory, referring to the socially excluded and marginalized. The memories brought in the chronicles denounce the abuses of Brazilian politics in the 30's of the 20th century, the social injustices that

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Pará (UEPA). Monitora do Programa de Monitoria da UEPA, Bolsista Voluntária de Iniciação Científica no Projeto “Das cartas: a Belém de antigamente de Mário de Andrade” (FAPESPA/UEPA/PPGED, 2017) e Bolsista do Projeto “Da Literatura Brasileira de Expressão Amazônica ao Audiovisual: um convite à leitura de obras produzidas no anfiteatro amazônico (PIBIC/CNPq/UEPA, 2016).

<sup>2</sup> Doutora em Comunicação e Semiótica: Intersemiose na Literatura e nas Artes pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, com Estágio Pós-Doutoral em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Professora titular em Literatura da Universidade do Estado do Pará, do Curso de Licenciatura em Letras e do Programa de Pós-Graduação em Educação. Contato: belfares@uol.com.br

occurred during the period of the military dictatorship and the prisons lived by the writer and her companions. In this way, the study of poetics allows us to understand the collective memory of society in the Estado Novo period, to be aware of the events that guide the present time, and thus to project perspectives for the future. The social role of literature is thus understood, which has been overlooked by the official memory. It is revealed in the memorial text, which talks about subjects related to the traumas, tortures and prisons faced by the opponents of Getúlio Vargas' government. The present text cuts from the main work the presentation of chronicles of the books *Aruanda* and *Banho de Cheiro* and is divided into two parts: the first presents biographical features of the life of the writer, essential for the understanding of the work, and the second discourse on the memories referred to in the writer's chronicles.

**Keywords:** Eneida. Underground Memory. Political Resistance.

### **Eneida: a escritora memorialista**

*Eneida, sempre livre  
Eneida, sempre flor  
Eneida, sempre viva  
Eneida, sempre amor*

*João de Jesus Paes Loureiro*

Eneida de Villas Boas Costa de Moraes, ou simplesmente Eneida, como ela mesma preferia ser chamada, nasceu no dia 23 de outubro do ano de 1904 em sua amada cidade Belém do Pará. Seu nome faz alusão à obra clássica do poeta Virgílio, foi uma homenagem feita pela sua mãe. Eneida foi jornalista, escritora, militante política, pesquisadora e uma das principais conhecedoras do carnaval brasileiro.

Veio ao mundo numa época de regalias do Ciclo da Borracha, desfrutando um berço privilegiado. Neste período, de acordo com Caetano dos Santos (2015, p. 131), “[...] o porto da capital paraense servia de escoadouro para a embarcação da borracha que vinha de Manaus para a Europa e outros países”. A exportação tornou a cidade uma das mais prósperas do país. Eneida pertencia a uma família de classe média alta, sua mãe era professora e seu pai era um comandante de navios, que, como nos lembra Fares (2012, p. 201), “singrava os rios amazônicos, onde mergulhava os olhos que retornavam encharcados de vivências ribeirinhas, repassadas, mais tarde, à filha”.

Por que não falar em meu pai, se ele foi um legítimo cidadão daquelas águas, comandando pequenos navios, vivendo uma a uma a clemência, a impiedade, a paz e a guerra daquele mar que era o seu rio? Para aquele

caboclo que amava muito mais o rio do que a terra, ficar longe das águas, era olhar silenciosa e paciente o chão, como se duvidasse da existência de outra coisa fora do rio, dos igarapés, dos afluentes. (ENEIDA, 1955, p. 17-18).

A cronista nasceu na rua Benjamin Constant, numa casa que seu próprio pai mandou fazer especialmente para ela nascer. “O terreno era enorme – quase um quarteirão – com uma mangueira tão grande e tão gorda que prometia a todos e a todos dava, sombra, amor, acolhimento” (ENEIDA, 1989, p. 209). Com isso, ela mesma afirmou em depoimento realizado em 1967, e publicado em 2006, sob a organização de João Carlos Pereira, que desde o nascimento já foi gente grande, tinha orgulho de ter nascido no Pará “com toda a glória e honra”.



Fonte: <http://www.recantodasletras.com.br/biografias/5222854>

Neste mesmo depoimento, Eneida nos relata que sua infância em Belém foi muito bonita, na verdade, a mais bonita do mundo, pois toda a sua vontade enorme de viver estava baseada em sua infância que foi absolutamente feliz. Para Eneida, todas as crianças do mundo mereciam ter a infância que ela teve. Isso porque teve uma grande

mãe que a incentivou a ter o gosto pela leitura, e um grande pai que a contava lendas amazônicas, como ela descreve em seu livro *Banho de Cheiro*:

meu pai contando lendas: o boto, que nas noites claras se transformava em homem para seduzir donzelas, de calça branca e paletó preto; a iara chamando homens e mulheres para o fundo do rio; a boiúna viajando como um grande navio todo iluminado; o uirapuru anunciando felicidades. (ENEIDA, 1989, p. 214).

A escritora relembra também a sua professora de infância que se chamava Hilda. Ela ensinava a geografia amazônica, falava sobre o rio Amazonas, o mais importante rio que banha o Pará, que nasce no Peru e vêm parar em terras brasileiras. A menina adorava essas lições, adorava o rio Amazonas, gostava de estudar a geografia da sua região, era seu mundo de poesia e imaginação.

O Amazonas: se eu pudesse dizer, sem ser ridícula, que esse rio embalou meu sono de menina; se eu contar, sem parecer piegas, que meu pai, caboclo autêntico, desde que chegávamos à cidade de quatro anos começava a levar-nos para viajar com ele, esse rio que tanto amava; se eu pudesse lembrar que diante daquelas águas, aquele homem contava-nos lendas, falava-nos em volume, trajetória, afluentes, furos, igarapés, paranás. (ENEIDA, 1955, p. 17).

Quando Eneida foi para o seu primeiro colégio, já sabia ler, pois tinha muita vontade de ler e sua mãe sentiu que a curiosidade da menina precisava ser atendida, não se interessava mais em apenas olhar figuras, almejava ler, tanto que aprendeu aos quatro anos de idade.

Santos (2005, p. 100-101) observa que, em 1910, aos sete anos, Eneida se inscreveu num concurso de conto infantil, “publicado na *Revista Tico-Tico*”. Submeteu seu primeiro conto narrando a história de um lenhador, sem que a família soubesse. Ganhou o primeiro lugar e um prêmio de vinte mil réis com direito a ter o nome impresso nas páginas da revista.

Aos dez anos, Eneida foi enviada para Petrópolis, no Rio de Janeiro e estudou até os treze anos no Colégio de Sion, um internato bastante tradicional onde atualmente funciona um dos *campi* da Universidade Católica de Petrópolis. Para matar a saudade, por causa da distância, a menina se comunicava com sua mãe por meio de cartas.

Nossas cartas eram longas e assíduas. Nunca me faltaram as dela; nunca lhe faltaram as minhas. Quando fui presa pela primeira vez em São Paulo – 1932 – a polícia tomou-me tudo o que então possuía [...] e também as cartas que minha mamãe escrevia para o internato, cartas dela e minhas que me acompanhavam como amigas sempre atentas, companheiras das quais parecia impossível a separação. Gostava de relê-las; era uma maneira de revivê-la em gestos, alegrias, risos, voz e beleza. (ENEIDA, 1989, p. 235).

Eneida voltou a Belém em 1918, época de profundas mudanças na cidade, como afirma Santos (2005, p. 101): o aparecimento de associações literárias, revistas e jornais; o ressurgimento da Academia Paraense de Letras; a fundação da Associação de Imprensa do Pará; e a circulação de duas importantes revistas locais: *Guajarina* e *A Semana*.

Ao falar sobre sua participação na vida literária do Pará e sobre a influência do Modernismo nos homens de letras do estado, Eneida (1967) afirmou que começou antes mesmo dos quinze anos, quando entrou para a *Revista A Semana*, de Belém do Pará, na função de secretária. Dessa forma, conheceu o movimento, os poetas, encantou-se. Santos (2005, p. 101) explica que Eneida integrava a *Associação dos Novos*, uma academia literária composta por estudantes, jornalistas e poetas como, entre outros: Peregrino Júnior, Bruno de Menezes, Paulo de Oliveira e Abguar Bastos.

A partir de 1926, de acordo com Santos (2005, p. 102), “[...] passa a grafar seus escritos apenas com o nome Eneida, excluindo o sobrenome do pai (Costa) e do marido (Moraes)”. Colaborou nessa época na *Revista Belém Nova*, editada por Bruno de Menezes e Paulo de Oliveira, no jornal *Para Todos*, dirigido por Álvaro Moreyra, e na *Revista Antropofagia*. Ingressou no jornal *Estado do Pará*. Em 1929, de acordo com Santos (2005, p. 103), Eneida “[...] passa a atuar no rádio jornalismo, sendo responsável pela programação de arte da *Rádio Clube do Pará*”.

Mais tarde, em 1930, publica um livro chamado *Terra Verde*, o qual a própria escritora avaliou como fruto de sua fase de menina rica e inexperiente, como afirma em *Banho de Cheiro*:

um livro ingênuo, livro de menina rica, mas já afirmativo do amor que sempre senti pela minha terra, meu povo, minha gente. Desse livro não me arrependo; olho-o como se estivesse lembrando uma de minhas travessuras. Que poderia eu fazer naquela época senão um livro assim, apenas impregnado de amor? Que sabia eu – naquele tempo – dos grandes problemas do homem amazônico, da miséria sem fim, do

abandono que ele vive, do violento choque entre a grandeza da floresta, a beleza do rio e a opressão do homem? Que sabia eu então, além do lado bonito da terra, as lendas, os pássaros, nossos hábitos, nossa paisagem sempre verde, o silêncio da floresta? (ENEIDA, 1989, p. 273).

Esse livro que Eneida considerava simplório, ingênuo e infantil possibilitou-lhe conhecer os intelectuais de Belém da época e, a partir deles, a escritora começou a conhecer o marxismo e a ideologia comunista. Primeiramente leu *Karl Marx: Sua Vida Sua Obra* de Marx Beer, uma leitura demasiadamente difícil para ela. Depois leu o *Manifesto Comunista* de Marx e Engels, a respeito do qual Eneida (1989, p. 274) afirma: “aqueles dois homens diziam, numa linguagem especial, tudo o que eu queria saber, como se adivinhassem meus sentimentos, a maneira pela qual eu encarava a vida. Interpretavam o que eu sentia, sem saber definir-me”.

Ao conhecer o marxismo, Eneida largou tudo, seu casamento, seus filhos, e, como aponta Fares (2012, p. 201), deixou de lado a vida abastada e despreocupada para viver novamente no Rio de Janeiro, mas, desta vez, instalou-se na capital federal da época (Rio de Janeiro).

Santos (2008, p. 69) nos lembra de que “seduzida pelas ideias socialistas”, na década de 1930, Eneida integrou-se ao discurso proletário quando este se fez uma motivação radical, produzindo e distribuindo material de propaganda e jornais de célula. Nos anos seguintes, a escritora participou de forma permanente dos programas do Partido Comunista, engajou-se na luta pelos mais fracos e tornou-se uma efetiva opositora de Getúlio Vargas. Esse foi o motivo de seu sofrimento no Pavilhão dos Primários, lugar em que foi presa e conviveu com outros intelectuais brasileiros tais como Olga Benário, Sabo Beerger, e o romancista Graciliano Ramos. Nesse período vivenciou a dolorosa perseguição política do Estado Novo.

Eneida foi repórter do *Diário de Notícias*, e assim conheceu a crônica, escrevia crônicas todos os dias. “Não considero assim que eu tenha feito uma grande literatura, nem que seja um grande nome. Mas é aquela coisa, fiz o que eu podia fazer. Quer dizer, eu escrevo como falo e falo como vivo” (ENEIDA, 1967, p. 40, entrevista concedida a Dalcídio Jurandir e Miécio Tatti).

Eneida foi morar em Paris, em 1949, após a Segunda Guerra Mundial. Na década de 50, fez uma longa viagem pela Rússia, por alguns países socialistas e pela China. Dessa

jornada resultaria o livro *Caminhos da Terra*, o qual termina com um interessante relato da escritora: “Eu vi nos países socialistas, principalmente, crianças felizes, crianças saudáveis, crianças rindo. Isso, só isso me bastaria para amá-los e bendizer esta viagem” (ENEIDA, 1959, p. 156).

Mesmo viajando pelo mundo, Eneida não deixava de se importar pela realidade de seu país. Não parou de lutar pela justiça social e pela liberdade. Apaixonada pela cultura de seu povo, interessou-se pelo Carnaval. Foi presidente da Liga das Escolas de Samba do Rio de Janeiro, promotora do Baile do Pierrô e escreveu a *História do Carnaval Carioca* em 1958.

A escritora faleceu na manhã do dia 27 de abril de 1971, no Rio de Janeiro. Seu corpo foi transferido para Belém porque foi este o seu desejo: dormir eternamente na sua amada cidade Belém do Pará, para que seu corpo servisse como seiva às mangas do Cemitério de Santa Isabel.

## Memorial do cárcere

*Fatos, personagens, histórias contam aqui um pouco de minha vida sempre vivida em profundidade. Não pretendo escrever memórias acompanhando no tempo tudo que vi, senti, sofri. Para quê? O melhor é deixar apenas pequeninos trechos, fazer o levantamento de lembranças gravadas na memória.*

Eneida

Eneida, como nos lembra Gutierrez (1993, p. 5), foi uma excelente narradora de histórias. Histórias de vida, de gente, de alegria. Histórias que se aproximam do nosso cotidiano. Narrativas simples, belas, encantadoras e cheias de amor, verdades e memórias. Desde pequena, ressalta a autora, buscava a liberdade, suprimia preconceitos e odiava injustiças. Não gostava de bonecas, pois não tinha tempo para brincar com elas, esperava a maioridade, queria ser gente grande. Era uma mulher à frente do seu tempo, boêmia, amante da noite, atuante no carnaval, e escritora memorialista.

As crônicas, de acordo com Santos (2008, p. 70), “[...] revelam muito das dificuldades que a escritora enfrentou por transgredir os códigos patriarcais a fim de

exercer sua opção política, conquistar seu espaço e sua autonomia literária”. Da mesma forma, outras mulheres também foram injustiçadas na busca por desbloquear os interditos culturais do seu gênero na sua época.

Nas obras de Eneida, Fares (1993, p. 6) evidencia a presença de um “lirismo matizado de social”, visto que a cronista paraense “vai tecendo com fios de nostalgia e memória um fino tecido de humanidade”.

A memória que guardou da infância e da experiência vivida no cárcere constituiu-se o leimotive de suas crônicas. Portanto, estamos diante de uma obra marcadamente autobiográfica e memorialista. No seu tecido da memória, a cronista misturou os matizes da luz e da sombra, da alegria e da tristeza, do lirismo e da denúncia. (FARES, 2012, p. 201).

Para Fares (1993, p. 6), “não existe narrador sem memória. E é da reminiscência que a escritora vai tirando o retrato de sua época, marcada pelo sombrio Estado Novo Getulista”. É mergulhando nas lembranças que Eneida revela suas dores e torturas sofridas na prisão, sua luta em favor dos oprimidos, sua memória subterrânea.

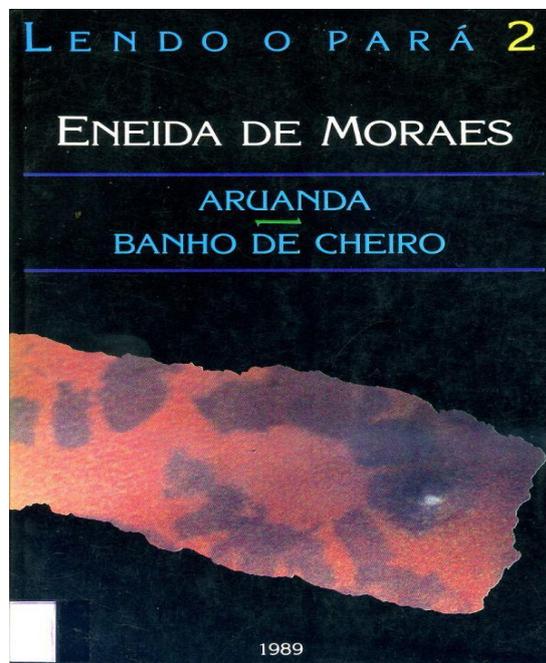
De acordo com Moura (1993, p. 8), é impossível ler Eneida sem deixar de admirar o valor contido na expressão de sua linguagem viva, colorida, sinestésica, dinâmica e o sentido poético da realidade. Na sua obra, predominam as emoções, o estilo simples, a linguagem coloquial, o regionalismo equilibrado e os períodos curtos. Tais recursos criam o aspecto pictórico da obra de Eneida.

Eneida escreveu um número expressivo de “crônicas militantes” registradas nos livros que compõem a trilogia memorialista e autobiográfica da escritora: *Cão da madrugada* (1954); *Aruanda* (1957) e *Banho de cheiro* (1962)<sup>3</sup>. Era a maneira de a escritora interpretar o mundo, como nos informa Santos (2008, p. 70), um “[...] mecanismo que utilizou para veicular suas ideias em 50 anos de atuação no cenário político e jornalístico-literário brasileiro (1920-1970)”. Entretanto, segundo a autora, por mais que encontremos nas crônicas da escritora um importante registro literário e histórico sobre os subterrâneos das prisões do período ditatorial de Getúlio Vargas, tais crônicas não têm

<sup>3</sup> Eneida escreveu: **Poesia:** *Terra Verde*, 1930. **Contos:** *Boa Noite, Professor*, 1965. **Crônicas:** *Cão da Madrugada*, 1954; *Alguns personagens*, 1954; *Aruanda*, 1957; *Rancho de Cheiro*, 1962; *Banho de Cheiro*, 1963. **Infantil:** *Katé*, 1953; *Molière narrado para crianças*, 1965. **História:** *História do Carnaval Carioca*, 1958; *História dos Subúrbios*, 1959. **Relato de vigem:** *Caminhos da Terra*, 1959. **Reportagem:** *Romancista Também Personagens*, 1962. **Livros inéditos:** *O quarteirão*, 1936; *Paris e outros sonhos*, 1951; *Sujinho de terra*, 1953.

recebido o merecido destaque por seu valor estético e criativo ao tratar dos traumas e da memória, dos sentidos reprimidos e silenciados.

Nos livros *Aruanda* e *Banho de Cheiro*, a cronista revela, além de sua memória de infância, a memória de sua militância política. Os dois livros de crônicas atestam uma escritura de autoria feminina explicitamente engajada na defesa dos princípios comunistas, tanto aqueles sob a influência do Stalinismo, quanto os resultantes dos debates pós Relatório Krushev. Os dois livros nasceram separados, mas se completam, pois intencionalmente *Banho de cheiro* é continuação de *Aruanda*. A coleção *Lendo o Pará* 2 publicou os dois livros juntos em 1989.



Fonte: <http://www.icbsena.com.br/livros/Aruanda%20-%20Banho%20de%20Cheiro.jpg>

*Aruanda*, nas palavras de Eneida (1989, p. 26), “é o país que trazemos dentro de nós, país de Liberdade e de Paz, país sem desigualdades nem ódios, sem injustiças ou crueldades, país de amor sonhado por todos os homens”. Já *Banho de Cheiro* faz alusão à prática comumente feita em Belém do Pará, a qual Eneida sempre apreciou e cultivou. A escritora faz, nas duas obras, o levantamento de suas recordações. As crônicas que relatam o período da ditadura militar não seguem uma ordem cronológica dos acontecimentos históricos. A própria Eneida afirma que não tinha a intenção de escrever um livro de memórias, descrevendo tudo que viveu, mas apenas pequeninos trechos, das lembranças mais profundas. Essas memórias subterrâneas serão apresentadas a partir de

**Revista Cenas Educacionais**, Caetité – Bahia - Brasil, v. 1, n. 1, p. 271-296, jan./jun. 2018.

excertos de crônicas do livro *Aruanda: Promessa em azul e branco, Delírio número um, Delírio número dois, Capítulo dos relógios, e Companheiras*; e do livro *Banho de Cheiro*: crônicas de números 16, 17 e 18.

No início de seu livro *Banho de Cheiro*, Eneida afirma, que, geralmente, os memorialistas temem recordar coisas banais, porém ela considera seu próprio livro como um livro banal. Entretanto, ao iniciar suas crônicas com fatos aparentemente banais, a escritora vai revelando ao leitor a sua memória subterrânea.

A crônica *Promessa em azul e branco*, por exemplo, inicia com um diálogo banal diante de uma vitrina de roupas para crianças:

“\_ Não: esse eu não quero, choramingava a menina.

\_ Já disse que é esse mesmo. Criança não tem vontade.” (ENEIDA, 1989, p. 29).

Tal cena transporta a escritora à memória da infância: época em que uma promessa de sua avó a obrigava vestir, até os 15 anos, apenas roupas nas cores azul-claro e branco.



**Fonte:** <http://g1.globo.com/pa/para/noticia/2013/10/promessa-em-azul-e-branco-estrea-no-circuito-de-cinema-em-belem.html><sup>4</sup>

As memórias da infância, surgidas de uma cena banal, resultam nas memórias políticas de Eneida. A escritora relata o momento em que a polícia de Getúlio Vargas invadiu sua casa em busca de papéis comprometedores, confiscando para sempre as

---

<sup>4</sup> Fotografia do curta-metragem "Promessa em Azul e Branco", da cineasta paraense Zienhe Castro, baseado na crônica de Eneida.

cartas de sua mãe. Aquelas cartas que ela guardava com grande amor e escondia com bastante cuidado:

Possuí essas cartas por muito tempo, até que um dia – outro dia de há vinte anos – a polícia invadiu minha casa. Queria papeis importantes, muito importantes, que eu devia possuir. Haviám resolvido fazer-me heroína a força. Papeis importantes, planos de subversão da ordem (que ordem?). Não existiam naturalmente. Então, na fúria que marca os homens da polícia sempre, levaram aquelas cartas que eu guardava com tanto amor, que escondia com cuidado, muito cuidado, que reli muitas vezes sentindo sempre, como da primeira vez que o fizera, um nó na garganta, um bater apressado de coração enquanto uma voz repetia: ‘porque um soldado não chora’... (ENEIDA. 1989, p. 36- 37).

O relato da escritora, expresso nessa crônica, nos permite observar a denúncia social da política de Getúlio Vargas e o caráter destruidor e opressor da memória coletiva nacional (oficial), na medida em que utiliza as chamadas políticas de esquecimento, abordadas por Ansara (2012). São mecanismos para levar ao esquecimento determinados acontecimentos políticos e repressivos, como por exemplo, a apreensão das cartas de Eneida, uma estratégia para suprimir e apagar, de qualquer forma, os vestígios dos discursos dos opositores ao governo.

Na crônica de número 17, do livro *Banho de Cheiro*, Eneida nos traz outro exemplo de política de esquecimento: os métodos de torturas. A escritora afirma que:

Nos anos trágicos do Estado Novo, a perseguição policial contra nós, comunistas, era implacável. Fascismo dominando o mundo e no Brasil, houve, inclusive, policiais brasileiros mandados aos Estados Unidos para aprender métodos de arrancar confissão e declaração, que melhor seria chamar pelo verdadeiro nome: métodos de tortura. (ENEIDA, 1989, p. 287).

Esse comentário é bastante significativo na medida em que a autora narra a memória de um acontecimento político que traz à tona um retrato de tortura e agressão à sociedade. No período da ditadura, como revela Eneida, os detentos eram torturados para confessar e declarar seus atos considerados subversivos. A tortura, como afirma Orlandi (1999), era uma das formas usadas para silenciar sentidos no período da ditadura militar, resultando na predominância do discurso oficial.

A memória de Eneida expressa na crônica de número 18, do mesmo livro, nos revela a ocasião em que os “tiras” buscavam os detentos para os interrogatórios. Tais interrogatórios representavam para ela arrancar de unhas, trucidamentos de seus

companheiros que voltavam ensanguentados e esmagados. Eneida jamais esqueceu a cena em que professores universitários, mestres como Castro Rabelo, Leônidas de Rezende, Hermes Lima, foram presos como os outros, e jogados em cubículos infectos, recebendo apenas uma banana como sobremesa do almoço. Jamais esqueceu Sabo Berger, Rosa Ghioldi e Olga Prestes. Esta última exerceu grande influência no seu tempo. Foi uma militante alemã que teve grande destaque no Partido Comunista da Alemanha e da União Soviética. Após receber uma missão desse partido de Moscou, ela veio ao Brasil junto com seu esposo Luís Carlos Prestes e participou da Intentona Comunista de 1935. Como consequência, Olga foi detida e deportada para a Alemanha, onde morreu na câmara de gás em 1942.



Olga Benário Prestes

**Fonte:** <http://averdade.org.br/2012/02/homenagem-aos-104-anos-de-nascimento-de-olga-benario-prestes/>

Eneida descreve a noite na prisão:

Dentro da noite, vozes angustiosas pediam água; gritos lancinantes cortavam as madrugadas. No corpo de um marinheiro a polícia desenhou uma estrela-do-mar e cortou-a em sua pele, a canivete. Impressionante o sadismo policial: óculos de míopes eram quebrados e esmigalhados com

os pés; arrancavam unhas e dentes são; na Polícia Central a ordem era não dormir de noite – principalmente as mulheres – ameaçadas sempre de ter o xadrez invadido por monstros capazes de todas as infâmias. (ENEIDA, 1989, p. 295).

Os métodos para silenciar os sentidos representavam para a escritora um sadismo policial. Nem os óculos de míopes escapavam. E as mulheres eram obrigadas a não dormir à noite por correrem o risco de serem violentadas. Em *Companheiras*, uma das mais pungentes crônicas sobre a ditadura de Vargas, Eneida (1989, p. 134) narra os métodos de torturas. Na metade da narrativa, relata a entrada de Elisa Saborovsky na mesma cela onde ela estava presa, o Pavilhão dos Primários:

Foi nessa tarde que tenho gravada na memória que ela entrou na Sala das Mulheres. Nunca esquecerei seu ar de espanto nem aqueles sapatos que haviam sido brancos. Estavam manchados de terra ou de sangue? Nunca esquecerei o vestido sujo, as mãos trêmulas, os cabelos brancos revoltos.

Ouvimos os passos do guarda subindo a escada; as chaves na porta das grades; depois ela entrou. Estatura mediana, vestido estampado, olhos curiosos. Entrou em silêncio. Em silêncio o guarda a deixou ali.

Olhou em torno. Procurou examinar uma a uma as mulheres, envolvendo-as todas num olhar imenso. Sentou-se na ponta de cama próxima, curvou-se, meteu os dedos por entre os cabelos.

- Quem será?

- Que mulheres serão estas? - estaria se perguntando.

Essa nova companheira teria um destino pior do que todas as outras mulheres. Ninguém a conhecia, todas perguntavam-lhe o nome, mas ela não respondia, fizeram-lhe perguntas em várias línguas, mas ela continuava sem dizer uma palavra. Não falava pelo seguinte motivo: estava traumatizada por tudo que tinha passado e temia o que poderia acontecer. Seus sentidos, com base em Orlandi (1999), foram estancados, reprimidos e silenciados. E, a partir do estudo de Pollak (1989), é possível perceber que nas lembranças da nova companheira, há zonas de silêncios e não ditos, isto por causa da dificuldade de encontrar uma escuta e pelo medo de sofrer algum tipo de punição.

Quando umas das presas declarou ser comunista, a mulher despertou. “Agarrou-se à companheira, beijou-lhe o rosto e pôs-se a exclamar com grandes lágrimas descendo pelo rosto alquebrado: ‘Camarada, minha camarada!’”. (ENEIDA, 1989, p. 135-136):

O olhar com que agora envolvia as vinte e cinco mulheres era diferente; queria entender as palavras nas paredes; perguntava, sorria, abraçava todas, chorava e ria. E contou. Contou com voz firme o quanto sofrera. A Polícia Especial a maltratara monstruosamente. Mostrou-nos os seios onde trazia impressas marcas de dedo. Colocavam-na no alto da escada, amarrada e nua para forçá-la a declarar ou delatar, enquanto dois homens enormes lhe puxavam os seios.

Conforme Seligmann-Silva (2003, p. 48) “Aquele que testemunha se relaciona de um modo excepcional com a linguagem: ele desfaz os lacres da linguagem que tentavam encobrir o ‘indizível’ que a sustenta”, esse fato é exemplificado no momento em que a voz de uma das presas confessa ser comunista e a nova companheira de cela passa a sentir-se segura para expor seus sentimentos. A mulher que havia chegado espantada, calada e com as mãos trêmulas, agora falava com voz firme, sorria, abraçava e chorava. Ela tinha descoberto os lacres da linguagem que silenciavam seus sentidos. Tinha garantido o direito de contar seu testemunho.

A nova companheira falou sobre a fome e a sede que passara, sobre as barbaridades que ela e seu companheiro haviam sofrido. No seu corpo ainda se observava as vergastadas de chicote policial. Jogaram-na em várias prisões, no meio de prostitutas, no meio de ladras. Durante mais de dois meses sofreu humilhações físicas e morais.

Quando se observou que a mulher precisava comer, tomar banho, mudar o vestido, todas se uniram para ajudar, lhe dar roupas e comida. Ela se alimentava sorrindo, visto que passara fome durante dois meses. Porém, pouco tempo depois, o guarda voltou explicando que tinha ocorrido um engano, a prisão para ela seria outra, muito pior. “Quando partiu deixava vinte e cinco amigas. Não lhe dissemos adeus, não tivemos um momento de fraqueza. Mas quando as grades se fecharam atrás dela, cinquenta olhos choraram.” (ENEIDA, 1989, p. 137).

Três meses depois a companheira de cela voltou e “Todas as noites, à meia-noite, levantava-se e andava, andava de um lado para outro, sem uma palavra. \_ De meia-noite às duas da manhã ela devia apanhar; ficou-lhe uma psicose”. (ENEIDA, 1989, p. 137). Depois é revelada a identidade e o destino dessa mulher como mais uma vítima da política de Getúlio Vargas.

Essa mulher se chamava Elisa Saborovsk, a Sabo Berger, Mulher de Henry Berger. O governo Getúlio Vargas entregou-a mais tarde à Gestapo. Hitler matou-a.

Sabo, para mim, foi uma revelação; jamais conheci mulher tão culta, tão humana, tão valente. Uma mulher tão bela. Nunca a esquecerei.

Na noite em que ela partiu com Olga Benário para o navio que as levaria a Hitler, era inverno e tiritávamos de frio. Sofríamos ainda mais, porque tínhamos aprendido a amá-la.

Recordando-a agora, cumpro um dever. Jamais esquecerei também as vinte e cinco mulheres da sala ora fria, ora quente, do Pavilhão dos Primários.

Grandes mulheres; boas companheiras. (ENEIDA, 1989, p. 137-138).

Elisa, junto a Olga Benário, também presa no Pavilhão dos Primários, foram entregues a Gestapo, polícia política de Hitler, por Getúlio Vargas e foram mortas. Nessa crônica podemos perceber que Elisa foi submetida à política do silêncio, silenciamento ocasionado pelas torturas e pela censura. Elisa não escapou da morte, foram poucos os que conseguiram.



Elisa Saborovsk<sup>5</sup>

Fonte: <http://m.memorialdademocracia.com.br/mulheres>

Outro fato-denúncia expresso nas crônicas de Eneida são as temáticas relacionadas à clandestinidade, às péssimas condições de sobrevivência, ao mundo

<sup>5</sup> Passaporte americano em que Elisa utiliza o codinome Machla Lenczycki, 1935.

subversivo e a situações presentes em grande escala no regime ditatorial. Na crônica 16, de *Banho de Cheiro*, a memorialista conta acerca de sua primeira prisão, no ano de 1932, em São Paulo. Antes de começar a contar a história, a autora afirma que a narrativa é uma das mais belas de sua vida e que buscou não fantasiar com plumas e penas que não são suas para maior brilho de suas recordações, como muitos memorialistas. A crônica inicia da seguinte forma:

Éramos muitos os presos políticos em São Paulo, no ano de 1932. Eu vinha de um mundo inteiramente diferente daquele no qual vivia. Jamais conhecera o frio e a fome e saber sofrê-los foi para mim um aprendizado muito doloroso. Fora presa numa manhã. Mais de vinte homens haviam cercado a casa em que eu vivia, sozinha, com dois mimeógrafos e duas máquinas de escrever. (ENEIDA, 1989, p. 279-280).

O recorte acima permite perceber os aperreios passados pela autora, aprender a passar frio e fome, viver em um mundo completamente diferente daquele da sua juventude. Antes da prisão, a escritora vivia numa casa isolada, no subúrbio. A perseguição política a forçou à clandestinidade. Saia apenas à noite e quando se fazia gorda, pois carregava na cintura e nas axilas, manifestos comunistas impressos durante todo o dia. A “censura estabelece um jogo de relações de força pelo qual ela configura, de forma localizada, o que, do dizível, não deve (não pode) ser dito quando o sujeito fala” (ORLANDI, 2007, p.77). O regime não permitia que Eneida escrevesse os manifestos, o autoritarismo impunha uma ditadura política. Os comunistas foram proibidos e interditados. Dessa forma, ela foi presa no desempenho de atividades consideradas subversivas, conforme registros da Delegacia da Ordem Política e Social:

Eneida da Costa Moraes (sic), conhecida agitadora comunista, possuía em sua residência um custoso mimeógrafo adquirido pelo ‘Socorro Vermelho Internacional’ e a ela entregue para confecção de boletins de propaganda subversiva - comunista. Ali foram encontrados centenas de boletins, já empacotados prontos para expedição, e muita correspondência do Partido Comunista. (PRONTUÁRIO DESPS/RJ n. 23.797. Apud. SANTOS 2006, p. 2).

Eneida, considerada subversiva e perigosa, relata que a jogaram numa “solitária”, uma sala bastante pequena, sem janelas e sem ar, pois os xadrezes estavam superlotados. Sem cigarro e sem comida, interrogada a todo momento, atormentada

pelos sustos, pela sede e em uma terrível escuridão. O único lugar por onde entrava luz e um pouco de ar era um buraco aberto na porta comprida onde os policiais a vigiavam.

Depois foi mandada para o presídio *Maria Angélica*, onde podia comer, dormir, ler e alimentar seu vício do cigarro. Certa noite, um homem chamado Walter Pompeu reuniu todos os presos e anunciou que estavam em liberdade, porém a polícia recebera a ordem de atirar em grupos de mais de três pessoas. Chegou um emissário e ordenou que Eneida partisse para Jacareí, onde ficaria até irem buscá-la. A comunista estava “magra, tão magra, com cabelos compridos caindo nos ombros, grandes olheiras. Saúde boa, ótima, mas o aspecto ruim de criatura doente” (ENEIDA, 1989, p. 282).

Ela conseguiu alugar um quarto na casa de uma mulher a quem chamou no texto simplesmente de “Dona”, a qual cuidou de Eneida como se fosse sua filha. Até que um dia, a senhora perguntou se a hóspede já tinha ouvido falar em Eneida. A escritora narra que gelou, pois tinha a recomendação de que muito tomasse cuidado, pois não admitiam sua volta à prisão. Então, respondeu que não ouvira falar. Em seguida a senhora se levantou, trouxe um livro de recortes de jornais e começou a dizer:

Eneida é uma mocinha – veja os retratos – que foi presa como comunista em São Paulo. Fizeram o diabo com ela, mas o diabo mesmo, e sabe o que aconteceu? A própria polícia declara que nunca ouviu sequer o som de sua voz. Contam que ela era uma menina rica e deixou tudo, tudo minha filha, tudo para lutar pelo nosso povo. Leia estes jornais que você vai saber quem ela é. Moça de coragem. (ENEIDA, 1989, p. 284).

Depois, quando já partiria para o Rio, a senhora confessou que sabia qual era a verdadeira identidade de sua hóspede:

só lhe peço uma coisa: conte a história de sua vida para mim. Sei que tudo o que os jornais publicaram é mentira. Se você não puder ou não quiser contar eu não me aborreço, mas gostaria de saber onde você foi buscar tanta coragem. (ENEIDA, 1989, p. 286).

A deturpação da imagem da escritora pelo discurso oficial, expresso nos jornais da época, afirmava que Eneida era uma perigosa espiã soviética e considerava sua prisão importante para o Brasil. A própria Dona, personagem da crônica, confessa saber que tudo o que os jornais publicavam era mentira, e revela o desejo em saber como Eneida, em meio a tanta perseguição e tantas prisões, buscava coragem para continuar sua vida e lutar pelos ideais humanistas, pelo próximo.

Em janeiro de 1936, Eneida (1989, p. 291) conta que eram mil e duzentos presos na casa da Detenção, Pavilhão dos Primários. A Casa da Detenção era um pouco melhor que a Polícia Central – onde ocorriam maus tratos ininterruptos –, nela os presos tinham ao menos o direito do sono. De diferentes profissões e diversos estados, presos políticos acusados de comunistas eram levados à prisão nos porões de navios, como na época da escravidão. Foram raros os que escaparam, conta a autora. E os que escaparam, por períodos longos, conviveram com a memória do trauma, em silêncio, até o momento em que decidiram denunciar o Estado e contar suas memórias.

Do Pavilhão dos Primários, Eneida narra diferentes situações de desumanidade em que viviam as vinte cinco mulheres presas políticas, além de outras, as itinerantes, aquelas ficavam um ou dois meses e depois partiam. “O cheiro forte de latrina fazia com que ficássemos principalmente à noite, sufocadas. Mal podíamos andar entre aquelas camas que, com o decorrer dos dias, iam recebendo mais prisioneiras” (ENEIDA, 1989, p. 291). No verão, de dia, as paredes ficavam molhadas por causa do imenso calor que subia para seus corpos sedentos. No inverno, a situação era diferente, as paredes ficavam úmidas e sentiam um frio de doer os ossos. Eneida exercia o papel de anunciar a chegada de um novo prisioneiro aos companheiros, era um duro trabalho, a polícia tentava colocar ladrões e assassinos junto aos presos políticos para provocá-los.

Voltando à crônica Companheiras, observa-se a narrativa das péssimas condições de sobrevivência. A escritora relata a força que uma detenta passava a outra para enfrentar o cárcere, o clima, a fome e a saudade da família. O texto se inicia com a descrição da sala:

Durante o inverno a sala era tão úmida, tão fria que enregelava mãos e obrigava os pés a manter um constante sapateado; no verão a sala era quente, tão quente que parecia querer matar-nos sufocadas a qualquer momento. (ENEIDA, 1989, p. 130).

O espaço era tão pequeno que não podiam andar todas ao mesmo tempo, enquanto umas andavam, outras eram obrigadas a ficar sentadas ou deitadas nas camas. Qualquer gesto, palavra ou movimento era o bastante para aumentar o calor que sentiam.

Os dias – no inverno, como no verão – se arrastavam pesados, longos, sem monotonia, pois nossa constante preocupação era inventar formas

para eles não fossem parecidos. Enchíamos com coragem e alegria todas as horas: ginástica, estudo, conversas, cânticos, passeio. Tão pequeno o espaço que possuíamos para caminhar, e o ruído dos tamancos cortava-o, ferindo o lajedo; as saudades impressas nos olhos; as constantes evocações. Quando se falava em quitutes variados, quando alguém dizia como se preparava esse ou aquele prato, podia-se olhar nos olhos: estavam todos famintos. Quando se contavam passeios e se falava de mar, praia, montanhas ou planícies, podia-se ver nos olhos famintos uma ânsia de voltar à vida da cidade, da terra, do mundo. (ENEIDA, 1989, p. 130-131).

Era assim que viviam aqueles que transgrediam a ideologia do governo, em condições totalmente desumanas, sem a mínima dignidade. Contudo, a situação difícil não as impediam de fazer constantes evocações ao passado: relembravam pratos e como se preparavam, relembravam passeios e lugares, a vida na cidade. A volta ao passado pode ser considerada como uma forma de fugir da realidade, do sofrimento que passavam, e retornar a momentos felizes.

Em Delírio número um e Delírio número dois, a narradora, ao dividir com o seu leitor uma reflexão banal, como o uso de um calçado, tem a intenção de mostrar uma experiência traumática e expor uma preocupação social de quem narra pelos menos favorecidos. Eneida relata, em Delírio número um, seu primeiro delírio acerca dos pés:

A primeira vez que senti o que depois chamei apelo dos pés, foi num café, se bem me lembro da rua Álvaro Alvim, onde, sentada diante de uma mesa, conversava com um amigo. A porta, cortada embaixo, era bastante alta para não mostrar cabeças; uma porta movediça e irrequieta, comum a vários restaurantes e cafés, egoísta porta consentindo apenas a exibição de pequeninos trechos de pernas e pés em trânsito. (ENEIDA, 1989, p. 88).

A narradora tentou dar atenção ao amigo, mas não conseguiu, estava assistindo àquele espetáculo, se questionava como seriam os donos daqueles sapatos, como seriam aqueles pés, em que circunstâncias e com quais propósitos aqueles sapatos foram comprados, entre outros delírios. Nessa crônica, a escritora faz alusão a um tipo específico de sapatos: os tamancos, que terão uma relação com a crônica posterior, quando Eneida relatar o período em que esteve no Pavilhão de Primários:

Quando cheguei à sala das mulheres, no Pavilhão de Primários, logo meus ouvidos se encheram do ruído dos pés. Monótono e angustiante. Não podia ver corpos, mas escutava vozes. E o ruído incessante: eram

tamancos, tamancos que andavam entre quatro pequeninos pedaços de chão, entre pedacinhos de parede: eram tamancos, e bem que eu sentia que aqueles pés não estavam acostumados, não tinham nenhuma prática de andar assim. (ENEIDA, 1989, p. 104-105).

Naquele lugar, tão pequenino, tão apertado, andar de tamancos tinha um motivo: a umidade do chão, visto que o tamanco era o único sapato que impedia que a umidade chegasse aos pés. O ruído do andar de tamancos metaforiza aqueles que, em prol dos excluídos socialmente, foram presos e tiveram que lutar para sobreviver às situações impostas.

Os Delírios conseguem revelar ao leitor uma lembrança traumática do cárcere, com suas privações e torturas. No final de Delírio número dois, Eneida revela a sensação de liberdade quando lhes foi permitido o “banho de sol” e a voz dos tamancos era a da Liberdade:

No dia em que, pela primeira vez, depois de muito e muito tempo, foi estabelecido o ‘banho de sol’ para os presos políticos, os tamancos subindo e descendo escadas, os tamancos que afinal se libertavam dos cubículos escuros, o ruído de pedaços de madeira batendo no chão, pareciam a mais bela das canções jamais escritas sobre Liberdade. (ENEIDA, 1989, p. 106).

Ainda em Companheiras, desnuda-se a vida das mulheres presas políticas, comunistas. Elas tinham tipos diferentes, chegavam de lugares diferentes, eram de profissões diferentes, eram de situação social diferente, todavia se uniam por uma causa comum, pelo bem comum.

Vinte e cinco mulheres, vinte e cinco camas, vinte e cinco milhões de problemas. Havia louras, negras, mulatas, de cabelos escuros e claros; de roupas caras e trajes modestos. Datilógrafas, médicas, domésticas, advogadas, mulheres intelectuais e operárias. Algumas ficavam sempre, outras passavam dias ou meses, partiam, algumas vezes voltavam, outras nunca mais vinham. (ENEIDA, 1989, p. 131-132).

A família de uma era a família de todas. Eneida cita Rosa, que falava de seus filhos. “Onde andariam eles? A polícia arrancara-os daquela mãe, negava-se a informar onde se encontravam, não admitia que Rosa soubesse notícias da família: o marido foragido, a irmã distante” (ENEIDA, 1989, p. 132). As companheiras sabiam que os filhos de Antônia se encontravam em Natal, mas também queriam saber notícias do noivo de Beatriz, do marido de Nininha, que era para ela como um herói.

Desejos de encontros, saudades de casa, Maria pensava no seu chuveiro elétrico de outrora, Valentina ensinava literatura inglesa e Nise da Silveira deva lições de Psicologia. A solidariedade era o alimento da sobrevivência.



Nise da Silveira

Fonte: <http://www.polbr.med.br/ano02/walo902.php>

Nise da Silveira (1905-1999) havia dedicado sua vida à psiquiatria e se manifestou contrária às formas agressivas em tratamentos de sua época, tais como o confinamento em hospitais psiquiátricos, eletrochoque, e outros. Foi denunciada por uma enfermeira com quem trabalhava, porque possuía livros marxistas, demonstrando assim, sua adesão ao comunismo, daí ter sido presa. Ela inicia o movimento antimanicomial no Brasil e dá nome ao importante Hospital Engenho de Dentro (RJ), onde desenvolveu uma experiência de reconhecimento do engenho interior que é a loucura. Ficou presa por mais de um ano.

Em Capítulo dos relógios, a autora começa a falar sobre o valor e a inutilidade de objetos como o relógio para, posteriormente, iniciar uma interessante narrativa ligando o relógio a mais um episódio dos sombrios dias do Estado Novo. Tal narrativa evidencia ainda valores de cumplicidade e coletividade. Eneida (1989, p. 109) afirma que “Esta história é o relato de um fato banal, que pode começar sendo contado assim: Um dia

quebrei um relógio e isso só teve realmente importância porque aconteceu num momento em que eu vivia longe de minha pátria”.

Eneida conta que seu relógio quebrou, quando estava em Paris, e ela foi de casa em casa procurando alguém que quisesse lhe atender, até que um relojoeiro, com um ar de doutor, decidiu consertar o relógio. Após o serviço, o sábio operador perguntou à Eneida se o relógio sempre funcionou mal, ela respondeu que atrasava normalmente cinco minutos, e o relojoeiro disse que se atrasava, é porque não funcionava direito. Este fato perturbou o coração de Eneida, como iria saber as horas?

A partir deste acontecimento, aparentemente sem relevância, a autora começa a contar a história de outro relógio. Desta vez, revelando sua preocupação pelos marginalizados socialmente, pelas pessoas consideradas subversivas e de alta periculosidade:

Uma noite, numa de minhas prisões (quem já esqueceu os trágicos dias do fascismo brasileiro?) fui levada da Casa de Detenção para a Polícia Civil. Ia ser novamente interrogada.

Quando cheguei ao sombrio prédio da Rua da Relação, puseram-me num cubículo onde já havia alguém. Era noite; estava escuro demais naquele pedacinho frio. Não consegui ver a pessoa presente. Perguntei: \_Quem é você?

Ouvi um soluço e uma voz feminina começou a contar:

\_ Não sou política, nunca me meti nisso, mas me prenderam. E você quem é? Não entendo de nada. Só se foi porque andei dizendo, na repartição, que precisamos ter liberdade no Brasil. Tenho também uns parentes que foram presos, mas eu sou eu (e soluçava...). Que horas são? (ENEIDA, 1989, p. 118).

Eneida conta sobre a bela mulher morena que chorava, pois perderia o emprego e iriam bater-lhe: “Você acha que vou apanhar? Vocês apanham muito, dizem. Não tenho medo não, mas posso perder meu emprego. Que será de minha mãe se eu ficar sem emprego. Diga: eles matam?” (ENEIDA, 1989, p. 119). A escritora narra que passou a noite encorajando-a, contando histórias de mulheres que haviam perdido empregos, de prisioneiras corajosas, mulheres valentes. Mas, a todo o momento, era interrompida pela mulher: “Que horas são?”. Quando voltou de seu próprio interrogatório, Eneida encontrou a mulher prostrada, chorando. Perguntou se Eneida sofrera, apanhara, o que tinha acontecido. Impacientava-se com a noite que passava lentamente. Supunha que a hora do relógio não passava.

Quase vivendo minuto a minuto estávamos as duas. Seu sofrimento era tão grande, estava tão pouco preparada para ele, tão incontrolável era seu desespero, que resolvi dizer como consolo:

- Sabe, meu relógio não vale nada. Atrasa sempre. É um relógio muito vagabundo, muito velho. Não se impressione com ele. Deve estar errado. Soltaram-na ao amanhecer. Ninguém a chamou para saber sequer seu nome. Era assim no Brasil daquela época. (ENEIDA, 1989, p. 120).

Para Eneida, a preocupação maior era em aliviar a tensão de sua companheira. A memorialista desta vez não narra seu próprio interrogatório, mas sim, o que acontecera com sua companheira de cela. Mesmo tendo passado pela dor do interrogatório, ela consegue encontrar forças para encorajar a prisioneira. No primeiro domingo depois daquela noite, chegou de presente para Eneida, na Casa de Detenção, um grande cesto com frutas, queijos, doces e, numa caixinha escura, um relógio de presente. Eneida sabia de onde vinha, e encontrou a mulher ainda diversas vezes do lado de fora, saudando-a ao longe com as mãos e grandes sorrisos. Nunca mais lhe perguntou as horas.

Nesta narrativa, ao narrar o que acontecera a sua companheira de cela, a cronista evidencia as reflexões sobre a banalidade do tempo e a utilidade de objetos como os relógios em momentos cruciais e traumáticos. É importante evidenciar ainda, que Eneida inicia esta crônica dizendo “quem já esqueceu os trágicos dias do fascismo brasileiro?” e termina afirmando que “Era assim o país daquela época”.

Na crônica 16, de *Banho de Cheiro*, Eneida (1989, p. 279) declara a necessidade de revelar aquela memória traumática, silenciada por muito tempo: “Devo, preciso contá-la, principalmente para agradecer a uma mulher, cujo nome não importa, o quanto ela foi boa, paciente, digna, comigo”. E continua

Sempre que devo falar nos sombrios dias do Estado Novo, gosto de perguntar: alguém já os esqueceu? Alguém pode esquecer o que foram aqueles negros anos com as prisões cheias, o ódio solto, o fascismo imperando aqui no mundo? Mil anos eu vivesse e jamais os esqueceria. (ENEIDA, 1989, p. 290).

A escritora não considerava que cadeia era título de glória ou de heroísmo, pois se tratava, na verdade, de um desastre. As prisões ocorriam independentes da vontade, porém, de acordo com Eneida (1989, p. 290) “é preciso lembrá-las, contá-las, porque afinal elas fazem parte de nossas memórias”. A literatura de testemunho escrita por

Eneida nos permite entender que os duros anos de perseguição política deveriam servir para avivar a memória do trauma. Os sentidos na época da ditadura não foram esquecidos, foram silenciados. Porém, como afirma Orlandi (1999), ainda ficam vestígios de discursos em suspensos, como podemos observar nas memórias de Eneida.

No término da crônica de número 18, de *Banho de Cheiro*, Eneida declara que narrar aquela história era uma homenagem a seus companheiros que nada temeram, que fizeram parte do exército de homens conscientes de seu papel histórico, do partido dos homens sem medo. As crônicas de Eneida, não são apenas homenagens, mas exemplificam a coragem e a audácia de uma mulher sem medo de revelar a verdade, sem medo de silenciar suas memórias.

Nas crônicas militantes de Eneida, a memória subterrânea da escritora é revelada na medida em que descreve o que passou nas onze vezes que foi presa durante a ditadura militar. A partir das memórias individuais de Eneida, podemos conhecer a memória de todos que tiveram seus sentidos reprimidos durante o Estado Novo. As políticas de esquecimento tinham por objetivo estancar as memórias submersas, com a apreensão de cartas, os métodos de arrancar informações, as torturas, os abusos e silenciamento, mas não conseguiram apagar as memórias de Eneida. Mesmo diante do trauma, não silenciou, narrou a vida nas prisões e contribuiu para a construção de uma memória da ditadura dos anos sombrios do Estado Novo, a perseguição policial aos comunistas, o fascismo dominando o Brasil e o mundo. A construção da memória dos vencidos, as memórias de resistência irrompem os subterrâneos da história, reconstróem os lugares de memória, para guardar vestígios, testemunhos, imagens e discursos que passaram despercebidos e preenchem os vazios deixados pela historiografia oficial.

## REFERÊNCIAS

ANSARA, Soraia. Políticas de memória x políticas do esquecimento: possibilidades de desconstrução da matriz colonial. **Psicologia política**. São Paulo, n. 24, v. 12, p. 297-311, maio – ago. 2012. Disponível em: < [http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpp/v12n24/v12\\_n24a08.pdf](http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpp/v12n24/v12_n24a08.pdf) > Acesso em: 27 abr. 2017.

CAETANO DOS SANTOS, Robson. Escudo de Perseu: as estratégias de narrar o trauma nas crônicas de Eneida de Moraes sobre a ditadura de Getúlio Vargas. **Revista ContraPonto**. Belo Horizonte, n. 7, v.5, p. 129-142, 2º sem. 2015. Disponível em: <

<http://periodicos.pucminas.br/index.php/contraponto/article/view/11162> > Acesso em: 10 mar. 2017.

ENEIDA. **Cão da madrugada**. 2.ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1955.

\_\_\_\_\_. **Caminhos da terra**: URSS, Tchecoslováquia. China. Rio de Janeiro: Antunes Livreiros e Editores, 1959.

\_\_\_\_\_. **Eneida**: depoimento [1967]. Entrevistadores: Dalcídio Jurandir e Miécio Tatti. João Carlos Pereira, organizador. Belém: Unama, 2006.

\_\_\_\_\_. **Aruanda / Banho de cheiro**. Belém: SECULT; FCPTN, 1989.

FARES, Josse. Eneida, o matiz social num tecido de lirismo. In: **Asas da Palavra** – Revista de Letras. Belém: Unama, 1993.

\_\_\_\_\_. **De Porongas, cestos e palavras**: vozes de ensinar e aprender. Belém: s/e., 2012.

GUTIERREZ, Maria Veneranda. Eneida Mulher... In: **Asas da Palavra** – Revista de Letras. Belém: Unama, 1993.

MOURA, Lucyrene Aranha. Viajando com a linguagem de Eneida. In: **Asas da Palavra** – Revista de Letras. Belém: Unama, 1993.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Maio de 1968: os silêncios da memória. In: **Papel da Memória**. Pierre Achard et al. Tradução e introdução José Horta Nunes. Campinas, São Paulo: Pontes, 1999.

\_\_\_\_\_. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 6.ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. Tradução de Dora Rocha Flaksman. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

SANTOS, Eunice Ferreira dos. Eneida de Moraes: militância e memória. In: **Em tese**. Portal de periódicos da faculdade de Letras da UFMG. Belo Horizonte, v. 9, p. 99-106, dez. 2005. Disponível em: < <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/emtese/article/view/3539> >. Acesso em: 14 maio. 2017.

\_\_\_\_\_. Eneida de Moraes: Tons e Semitons do Exílio. In: **Seminário Internacional Fazendo Gênero 7: Gênero e Preconceitos**. Universidade Federal de Santa Catarina, 28, 29 e 30 de agosto de 2006. Disponível em: < [http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/artigos/E/Eunice\\_Ferreira\\_dos\\_Santos\\_19.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/artigos/E/Eunice_Ferreira_dos_Santos_19.pdf) > Acesso em: 01 out.2017.

\_\_\_\_\_. Nas tramas da memória: a cronista e militante Eneida de Moraes. In: **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, nº. 32. Brasília, julho-dezembro de 2008, p. 69-76. Disponível em: < <http://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/1999> > Acesso em: 14 maio. 2017.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **História, Memória, Literatura**: o testemunho na era das catástrofes. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 2003.

**Revista Cenas Educacionais**, Caetitê – Bahia - Brasil, v. 1, n. 1, p. 271-296, jan./jun. 2018.

Recebido em: 16 de maio de 2018  
Aprovado em: 14 de junho de 2018

## **SOBRE AS AUTORAS**

**Evelim Mendes dos Santos** é uma pesquisadora brasileira vinculada ao Núcleo de Pesquisas, Culturas e Memórias Amazônicas. Possui experiência na área de Letras, atuando em temas como linguísticos, variações, preconceito linguístico, sociolinguística e literatura amazônica.

**Josebel Akel Fares** é uma pesquisadora brasileira coordenadora do Núcleo de pesquisa Culturas e Memórias Amazônicas (CUMA- UEPA); membro do Centro de Estudos da Oralidade (PUC/SP) e do Grupo de Estudos de Narrativas na Amazônia (UFPA). É membro de entidades científicas, tais como a Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Letras e Linguística (ANPOLL/ GT de Literatura Oral e Popular), Associação de Pesquisa e Pós- Graduação em Educação (ANPED), Associação Brasileira de Literatura Comparada (ABRALIC), Fórum de Editores de Periódicos da Área de Educação (FEPAE/ANPED), BIOgraph – Associação Brasileira de Pesquisa (Auto) Biográfica. Possui experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura, pesquisa principalmente temas ligados à Cultura e à Educação na Amazônia, como Poéticas Oraís, Literatura Infantil, Literatura Brasileira de Expressão Amazônica, Leitura, Arte-Educação.